

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

JANELAS ABERTAS SOBRE A IDADE DO FERRO: OS QUEIMADORES DE MESAS DO CASTELINHO (ALMODÔVAR)

Susana Estrela¹

RESUMO

Os queimadores são peças singulares das comunidades da plena Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. A sua presença em Mesas do Castelinho (Almodôvar) mostra uma utilização ritual, associada a cossoiros e a artefactos que remetem para libações. Esta associação contextual interessará na procura da sua funcionalidade noutros contextos habitacionais ou na explicação da sua presença e utilização em necrópoles, proporcionando novas vias na investigação.

Palavras-chave: Mesas do Castelinho, Idade do Ferro, Queimadores, Funcionalidades, Sudoeste peninsular.

ABSTRACT

The burner vessels are unique artefacts of the full Iron Age communities of the South-western Iberian Peninsula. Its attendance in Mesas do Castelinho (Almodôvar) shows a ritual use, associated with spindle whorls and artefacts that refer to libations. This contextual association will interest in the search for its functionality in other housing contexts or in the explanation of its presence and use in necropolis, providing new investigation paths.

Keywords: Mesas do Castelinho, Iron Age, Fenestrated vessels, Functionalities, South-western Iberian Peninsula.

“Estes vasos (...) seriam empregados em rituais religiosos ou funerários (...) a concepção não se afasta dos modernos incensórios (...) utilizados pelas chamadas «bruxas», ou mulheres de virtude ou de adivinho” (Ribeiro & Ferreira, 1971, p. 259)

1. MESAS DO CASTELINHO: PRINCÍPIO, MEIO E FIM DE UM POVOADO FORTIFICADO

Num cruzamento de vias naturais de comunicação, a meio caminho entre a península alentejana a Norte e a Serra do Caldeirão a Sul é construído, entre os finais do século V e os inícios do século IV a.C., o perímetro amuralhado de Mesas do Castelinho, com perto de 3,5 ha dispostos em duas plataformas sobranceiras à Ribeira de Mora, tributária do Rio Mira (Figura 1).

O povoado fortificado da Idade do Ferro materializa um urbanismo reflexivo de uma concentração populacional, um núcleo rural que recebe, em quantidades relativamente escassas e esporadicamente,

os artigos do comércio de larga escala. A extensa maioria da sua cerâmica é de origem local/regional (Estrela, 2010-2011).

Em meados do século II a.C., uma profunda renovação urbanística estabelece na plataforma B uma arquitectura definida por três ruas e com quarteirões contíguos. Na plataforma A e sobre as preexistências da Idade do Ferro edifica-se o chamado Complexo de Construções do século I a.C. Este urbanismo marca o fim do povoado fortificado e é influenciado por Roma, mas a forma de construir e organizar os espaços são muito análogas às preexistentes, num sítio cuja relevância regional se incrementa sobremaneira a partir desta altura (Guerra & Fabião, 2010, p. 477).

Um bom exemplo deste tecido cultural muito próprio pode ser visto num depósito inaugural de um dos compartimentos da plataforma B, datável de um momento impreciso da 2ª metade do século II a.C., que tem como preexistências, e entre outro espólio, um universo feminino definido por uma

1. FCT / UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; estrela.susana@gmail.com

estatueta curótrofa – objecto de um culto matricial com raízes no mundo mediterrânico, um unguentário em vidro da forma 2 do Grupo Mediterrânico 3 de Harden mas também pelas tradicionais e indígenas peças cerâmicas, como um cossoiro decorado, um queimador e um pote manual decorado com incisões (Estrela, 2013).

Assim se manterá o povoado até ao seu abandono, nos inícios do século II d.C.: uma passagem do Mediterrâneo numa vasta geografia interior chamada céltica por Estrabão.

2. OS NOMES DAS COISAS

Nem sempre os queimadores são fenestrados, como é o caso daqueles com representações de pássaros, entendidos como componentes das cerimónias fúnebres de algumas necrópoles do século VI a.C. da área de Beja (Arruda, 2016, pp. 406; 421) ou do recipiente similar do estrato superior da *favissa* do *oppidum* de Alhonoiz, Sevilha, datado do século II a.C. (Belén 2011-2012, pp. 338-340; 345 – fig. 9).

Por outro lado, há peças caladas que não terão sido defumadores. Na Catalunha, recipientes com pés com janelas triangulares do século VI a.C. serviram como vasos de libações ou como urnas em contextos funerários (Graells i Fabregat & Sardà Seuma, 2007, pp. 83-85) e da ocupação tardia da cidade de *Numancia*, Sória, há suportes calados (Wattenberg, 1963, pp. 103; 189-190 – n.ºs 825, 828, 829, 830, 831). Das peças singulares que são os queimadores das cronologias pós-finais do século V a.C., sobressai a técnica dos calados, com janelas triangulares, romboidais ou circulares um pouco por toda a superfície das peças (Berrocal-Rangel, 1992, p. 98), num aspecto essencialmente prático, orientado para a saída dos fumos resultantes da queima de essências odoríferas, ainda que nem sempre se notem sinais de fogo nas peças, e funcionais seriam também as asas e as aplicações plásticas mamilares que alguns deles mostram – por vezes mais ou menos decorados, possibilitando a apreensão e/ou o transporte (Fabião, 1998, vol. 2, p. 68; 74).

Só as aberturas nas bases conservadas parecem ser meramente decorativas, associadas ou não a outras decorações, compondo o repertório estilístico do Sudoeste peninsular e presentes em diversas formas, manuais e a torno.

A morfologia será o elemento com menos peso para a atribuição do nome destas peças já que não cabem

numa categoria tipológica própria (Berrocal-Rangel, 1994a, p. 190), não havendo “(. . .) *uma forma de «queimador», mas sim diversas formas “fenestradas” ou “caladas” (. . .)*” (Fabião, 1998, vol. 2, p. 67).

Retiremos as aspas e analisemos a sua presença no Sudoeste da Península Ibérica.

3. OS QUEIMADORES NO SUDOESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA

Estas peças ocorrem em diferentes sítios dum vasto território interior, ao longo da segunda metade do I milénio a.C., na Meseta, no mundo ibérico do Levante, mas são sobretudo expressivos no Sudoeste peninsular, concretamente no Alentejo e na Baixa Extremadura, em território céltico.

Essencialmente por uma questão de economia de espaço – e não por falta de interesse nos e dos contextos respectivos, não serão elencadas as suas presenças mais setentrionais e orientais, focando-se essencialmente o Sudoeste, com uma fronteira algo artificial estabelecida a Sul do Tejo, integrando portanto a área da actual província de Cáceres, na Alta Extremadura, ainda que esta configure em alguns aspectos uma cultura mais afim do mundo meseteno.

Na actual área de Cáceres, há menções ainda algo difusas a queimadores: no povoado fortificado de La Coraja e na sua necrópole, El Tercio, em cronologias dos séculos IV a II a.C. (Rivero de la Higuera, 1974, pp. 360; 368 – fig. 7, n.º 29; 372; 377 – n.º 29; Estebán Ortega, 1993, pp. 68; 70; fig. 8; 75; fig. 13 – e, f; Heras Moral, 2001, p. 190 – fig. 4); no povoado fortificado de Villaviejas del Tamuja, talvez dos séculos III-II a.C. (Martín Bravo, 1999, pp. 197; 231). Dois pés destacados decorados com excisões, no povoado com longa diacronia de Aliseda, não garantem uma classificação segura enquanto queimadores, dada a sua situação pós-deposicional e residual em estratos tardo-republicanos e a própria morfologia dos fragmentos conservados (Rodríguez Díaz & Pavón Soldevilla, 1999, pp. 81-82 – forma G2).

Por contraste, o estudo monográfico de uma das necrópoles deste povoado, a de El Mercadillo, permitiu conhecer a existência de um queimador como oferenda do túmulo feminino 15.2 e outro fora de contexto, ambos datados do século IV a.C. (Hernández Hernández & Galán Domingo, 1996, pp. 40, 42, 71, 78 – 46.2; 79 – fig. 46, n.º 2; 105).

Na Baixa Extremadura, em necrópoles da actual demarcação de Badajoz, surgem queimadores em

Cantamento de la Pepina, datáveis do século IV a.C., junto das urnas cinerárias colocadas em covachos abertos na rocha (Rodríguez Díaz & Berrocal Rangel, 1988, pp. 218-219; 228; Berrocal Rangel, 1990, pp. 312-313; 314 – fig. 4; Berrocal-Rangel, 1992, p. 109), o que sugere o seu uso enquanto dádivas secundárias e, em El Jardal, um queimador seria acompanhamento funerário, entre os séculos IV-III a.C. (Jiménez Ávila, 2015, pp. 383, 389 – fig. 8, nº 2; 390; 399-400).

Em povoados, existem no *oppidum* de Badajoz, em contextos revolidos ou na fase IIIB, entre a 2ª metade do século IV a.C. e o século III a.C. (Berrocal Rangel, 1994b; pp. 156; 158; 164 – fig. 10.1, nº 23; 169 – fig. 13, nº 13; 174 – fig. 16, nº 39; 175); nos povoados fortificados de La Mesilla, dos séculos IV-II a.C. (Pavón Soldevilla, 1996, pp. 134-135 – fig. 8, forma V; 156; 158) e de La Ermita de Belén, dispersos pelo Nível IV do Corte 1, numa ocupação dos séculos IV a II a.C. (Rodríguez Díaz, 1991; pp. 40; 42- 43; 77, 142-143; 242); mas também no abandono de um dos fundos de cabana do povoado aberto de El Españador, entre os séculos IV-III a.C. (Sanabria Murillo *et al.*, 2013, pp. 1257; 1260 – fig. 13).

O povoado fortificado de Castrejón de Capote, fundado em meados do século V a.C., conheceu, entre os séculos IV a II a.C., para além de um grande desenvolvimento das estruturas defensivas, uma rua central adossada por habitações. No centro de um espaço com 4m² sobrelevado em relação à rua e a céu aberto, foram identificados uma mesa-altar em pedra, um banco corrido e, entre outros materiais, 30 queimadores manuais mais ou menos exuberantemente decorados, nenhum deles com sinais de fogo (Berrocal-Rangel, 1989, pp. 252-254; 270; 1992, pp. 107-109; 360; 1994a; pp. 91-92; 190-196; 2004, p. 108). Este último aspecto denunciaria peças novas, (Cabanillas de la Torre, 2013, p. 136 e fig. 9), num ritual acabado de realizar em meados do século II a.C., rapidamente destruído (Berrocal-Rangel, 2004, p. 108). Esta estrutura e seus materiais foram vistos como um espaço ritual público, com oferendas cárneas, libações e queima de substâncias aromáticas e psicotrópicas, como revelarão os vestígios de *crocus*, talvez açafraão, numa peça não calada (Berrocal-Rangel, 1994a, pp. 196; 251; 263-276; 375 - Lâm. 49, nº 2132), uma cerimónia com um fundo ideológico gentilício atestado pelas peças produzidas localmente, com os queimadores, portadores do fogo doméstico a ganharem o estatuto de portado-

res do fogo comunitário, como observado nos rituais latinos vestais (Berrocal-Rangel, 2004, p. 108).

No interior andaluz constam dos sítios fortificados de Pasada del Abad (Pérez Macías, 1993, p. 401; Fig. 2) e Castillo de Aroche, Huelva (Berrocal-Rangel, 1994a, p. 318).

No Alentejo, surgem em povoados fortificados: nos contextos dos séculos IV-III a.C. do Castelo de Serpa (Braga & Soares, 1986, pp. 185 – nºs 9 e 10; 186 – nºs 11 e 12; 196-197); no Castelo Velho de Safara (Moura), datado dos séculos IV-III a.C. (Costa, 2010, pp. 37-38; Est. V, nº 657); no Cerro Furado, Beja (Ribeiro & Ferreira, 1971, pp. 257-259), podendo falar de uma estrutura cultural (Fabião, 1998, vol. 2, p. 196) da chamada II Idade do Ferro ou de época romana; no chamado Castro de Segóvia, Elvas, dos séculos IV-II a.C., depositado no Museu Nacional de Arqueologia (<http://www.matriznet.dgpc.pt/>: [2017], nº 2004.45.4); no Castelo da Lousa, Mourão, ocupado entre a 2ª metade do século I a.C. e os inícios do século I d.C. (Pinto & Schmitt, 2010, pp. 250-251 – nº 25; 288-289 – nº 19; 330; 340 – Est. XLIII, nº 25; 394 Est. XCVII – nº 19).

Sob outra forma, bastante distinta das que se conhece para as etapas posteriores aos finais do século V a.C., está presente no edifício de Cabeço Redondo (Moura), do século V a.C. (Soares, 2012, pp. 61- 64; Est. L) e, sob a forma de um fundo com pé destacado e decorado com incisões – e não correspondendo a descrição anterior (Gomes, 2001, p. 114), ocorre em contextos votivos dos últimos anos do 1º quartel do século IV a.C. da Azougada (Moura), questionando-se a presença de queimadores neste sítio (Antunes, 2009, pp. 358; 385 – Fig. 246: Est. CXXXI, nº 354).

Em contextos funerários, estão presentes na necrópole de meados do século VI a.C. – meados do século V a.C. da Tera (Mora), com um uso para lá dos rituais fúnebres (Mataloto, 2010-2011, pp. 91 – fig. 9; 92) e sob uma forma bem distinta das mais frequentes na segunda metade do I milénio a.C. Na necrópole dos séculos IV-III a.C. do Monte da Atafona (Almodôvar) existem dois exemplares: um associado ao único túmulo até hoje publicado (Silva & Gomes, 1992, pp. 177; 269 – fig. 61A), que um estudo ainda no prelo informa tratar-se do túmulo 1, e outro do *Cinzeiro* a Este daquele túmulo, ambos relacionáveis com oferendas secundárias (Gonçalves, Barros & Melro, n. p. – agradeço a cedência do artigo).

Ocorrem também em habitats abertos da área de Beja: na ocupação dos séculos IV-III a.C. do povoado

com fundos de cabana de Pisões 5 (Bargão & Soares, 2015, pp.77 – fig. 21, nº 2; 78) e entre os inícios do século IV a.C. – inícios do século III a.C., nos estratos prévios ao forno de produção cerâmica de Malhada de Biterres 2 (Estrela *et al.*, 2012, pp. 359-361; 365). Ambos os casos são resultantes do empreendimento de Alqueva, conformando uma parte da revolução epistemológica que trouxe para o registo arqueológico do Sudoeste peninsular novos paradigmas de caracterização das comunidades humanas desta vasta área interior.

No povoado fortificado de Garvão (Ourique), expandido no século IV a.C. (Ponte, 2012, p. 47) do depósito secundário do século III a.C. conhecem-se oito queimadores, sete dispersos e o oitavo oriundo do conjunto IX. São manuais, com janelas triangulares e circulares por vezes associadas. As bases são trípodes, cúbicas ou piramidais ou com pés mais ou menos destacados. Quatro deles são asados. As decorações são impressas, incisas ou com aplicações plásticas, por vezes reunidas (Beirão *et al.*, 1985, pp. 63-65; 100; 101 e 103 – nº 140). Um revela elementos ornitomórficos aplicados; noutro existem sinais de fogo (Berrocal-Rangel, 1992, p. 361 – Lâm. 12, nº 6; 1994a, pp. 192; 195). Estas e as demais peças acusam a presença próxima de um santuário ainda incógnito, com relevância regional e onde se lê a penetração e absorção de modelos culturais mediterrânicos mas com devotos sobretudo célticos, atendendo à representatividade dos materiais (Fabião, 1998, vol. 1, pp. 266-268), que em rituais colectivos cultuariam uma divindade salutífera e protectora e com certo carácter ctónico (Berrocal-Rangel, 2004, p. 112). Uma análise recente pondera a formação tardia do depósito, talvez na 1ª metade do século II a.C., com o avanço da conquista romana, num clima de insegurança que teria obrigado à ocultação das oferendas do santuário (Gomes, 2012, p. 120).

Em Cabeça de Vaiamonte (Monforte), dadas as características das escavações dirigidas por Manuel Heleno, é difícil datar e contextualizar os queimadores. Conhecem-se 12 queimadores, nenhum deles com sinais de fogo, sete deles bem conservados e com janelas triangulares, e apenas um deles é manual. A padronização de formas e de fabrico e com simplificação das janelas significarão uma cronologia mais recente, relacionável com o uso do sítio como destacamento militar romano (Fabião, 1998, vol. 2, pp. 70-73; 76; vol. 3, fig. 49), de que há com indícios no armamento datado do 1º quartel do século I a.C. (Pereira, 2013b).

As tigelas bem conservadas e a abundância de cossoiros assinalarão contextos cerimoniais (Fabião, 1998, vol. 1, pp. 195-196; vol. 2, p. 75).

4. A PLENA IDADE DO FERRO NO SUDOESTE PENINSULAR: UM ENCONTRO DE CULTURAS

Dos sítios elencados sobressai, em primeiro lugar, uma longa tradição no uso de peças destinadas à combustão de odores. Logo a seguir, um repertório de matriz celticizante, patente na associação de queimadores a recipientes com matrizes impressas, situação verificada em quase todos os sítios do Sudoeste e que a bibliografia citada demonstra.

Os queimadores são produções locais mas há uma padronização morfológica, funcional e decorativa presente nas tradições oleiras das comunidades (Berrocal-Rangel, 1992, pp. 108-109). Algo similar existirá nos recipientes com matrizes impressas, com a relativa monotonia morfológica das peças e a repetição das mesmas “estampilhas” independentemente da área ou do local onde são identificadas (situação verificada sobretudo no Grupo I de Fabião), enunciando uma isonomia das comunidades que gerem territórios autónomos e pouco vastos (Fabião, 1998, vol. 2, p. 178), reflexo da facilidade da difusão da técnica e do que ela implica (uma matriz) ou talvez da identificação dos produtos armazenados (Estrela, 2010-2011, p. 114).

E o cenário actual é da presença destas peças não só e apenas em povoados fortificados como defendia a tradicional teoria sobre a Idade do Ferro mas também em algumas das necrópoles daqueles povoados (como em El Mercadillo ou Cantamento de la Pepina) e em povoados abertos e sem condições de defesa.

Outra associação existe entre queimadores e cossoiros. Estes remetem para tarefas femininas quando em âmbitos habitacionais, e presentes em ambientes cultuais e funerários falam de uma matriz religiosa mediterrânea; aqueles, quando em contextos habitacionais, relacionar-se-ão com a necessidade de afastar os odores das fibras têxteis ou como parte da preparação da coloração das mesmas (Estrela, 2010-2011, p. 110).

A sua reunião contextual atribui funcionalidades aos espaços ou revela episódios rituais.

No Sudoeste, esta reunião existe no expressivo conjunto de Castrejón de Capote e, como se verá, em

Mesas do Castelinho. Os dados de Cabeça de Vaia-monte são inseguros mas a presença de queimadores e tigelas bem conservados e de 1660 cossoiros, alguns deles decorados e outros grafitados, entretanto analisados (Pereira, 2013a) configurará, como já citado, um âmbito ritual. Os 150 cossoiros, um terço deles decorados e quatro esgrafitados, do altar A de Castrejón de Capote, teriam funções comerciais como meio de contar e controlar as oferendas ou cultuais, como *ex-votos* (Berrocal-Rangel, 1994a, pp 219-229; 2004, p. 108).

Noutros locais, por aparentemente não se associarem, remeterão mais facilmente e talvez precipitadamente, para espaços habitacionais. Estes dados menos seguros, apenas intuídos, mostram-se em níveis de utilização do Castelo de Serpa (Soares & Braga, 1986, p. 196), à superfície no Castelo Velho de Safara (Costa, 2010, pp. 1; 73), na fase de abandono de El Espadañar (Sanabria Murillo *et al.*, 2013, p. 1268) e nos 82 cossoiros dispersos ou reunidos do Castelo da Lousa (Pinto & Schmitt, 2010, pp. 324-325).

Em El Jardal, o único cossoiro conhecido integraria o conjunto 2 e o queimador não faria parte de qualquer contexto funerário (Jiménez Ávila, 2015, p. 380 – fig. 3, nº 2; 383; 391). Da Atafona existem os já mencionados queimadores e quatro cossoiros mas estes provêm de outros contextos funerários (Gonçalves, Barros & Melro, n. p.).

Ainda assim, é razoável afirmar que os queimadores mostram sepulturas femininas, como aliás revelam os dados antropológicos do túmulo 15.2 de El Mercadillo (Hernández Hernández & Galán Domingo, 1996, pp. 40; 71), ou como indicará a arrecada de ouro do túmulo publicado da Atafona, acompanhada por um queimador (Silva & Gomes, 1992, pp. 177; 269- fig. 61A), se bem que os estudos antropológicos não sejam categóricos a este respeito (Gonçalves, Barros & Melro, n. p.).

Os esquemas culturais dos contextos funerários posteriores aos finais do século V a.C. estarão em aparente continuidade com os contextos votivos mais antigos, neste tema da distinção sexual, quando se prova, precisamente nos queimadores com representações de aves das necrópoles da área da Beja, ou no queimador ritual de Alhonoroz, o culto da deusa mediterrânea Astarté/Tinnit (Arruda, 2016, pp. 406; 410; 421).

Já os cossoiros das necrópoles de cronologias posteriores aos finais do século V a.C. não terão de reportar linear e directamente sepulturas femininas. Dos cinco túmulos com cossoiros de El Mercadillo, em

três era impossível assegurar a presença de mulheres sepultadas mas assim foram vistos, ainda que os autores refram, noutros contextos de cremação, o uso indistinto destas peças em túmulos masculinos e femininos (Hernández Hernández & Galán Domingo, 1996, pp. 34; 44; 56; 60; 65; 71; 88). O uso destas peças no altar A de Castrejón de Capote envolve um carácter comunitário, esbatendo eventualmente esta associação de género e antevendo, para os contextos pós-finais do século V a.C., conotações reveladoras de uma mescla de influências.

Noutras áreas e sobre cronologias anteriores há referências às janelas triangulares dos pés de peças de túmulos catalães como inspiradas em peças orientais usadas originalmente no trabalho têxtil que ganham simbolismo a partir da sua inclusão em túmulos importantes atenienses do século VII a.C. (Graells i Fabregat & Sardà Seuma, 2007, pp. 85-86). A associação de peças caladas com cossoiros, em contextos votivos com a mesma proveniência, também está patente no extremo ocidente europeu.

5. OS QUEIMADORES DE MESAS DO CASTELINHO

O que se apresenta e discute constitui uma revisão do estudo destas peças do sítio, mais ou menos extensamente apresentado e/ou a propósito da sua associação a artefactos da ocupação da Idade do Ferro e de época romana republicana (Estrela, 2010, vol. I, pp. 69-72; 2010-2011; 2013, p. 674). É também uma actualização, com a inserção de artefactos identificados em níveis da fase de época romana republicana ou em recolhas de superfície, como o obtido em 1975 por Teresa Júdice Gamito e José Morais Arnaud, depositado em 2010 no Museu Nacional de Arqueologia (Figura 2:A – 1), mas também os achados em revolvimentos causados pelas destruições de 1986 – como o decorrente da minimização de Carlos Jorge Ferreira em 1987 (Figura 2: A – 2), ou os encontrados casualmente após esta data (Figura 2: A – 3 e 4).

O conjunto em análise é constituído por fragmentos de bordos, fundos, asas e bojos de 18 queimadores, longe portanto das situações de peças bem conservadas de outros sítios mas a sua quantidade é tanto mais significativa quanto mais de metade deles se encontra nas sequências de ocupação e abandono de determinados espaços.

Mostram fabrico manual, cozeduras redutoras, superfícies relativamente cuidadas, alisadas ou mesmo

polidas. Apenas um fragmento mostra sinais de fogo. Destacam-se as decorações que acompanham as peças, com incisões lineares ou mais elaboradas, aplicações plásticas decoradas com incisões e as que por vezes rodeiam as janelas. Ainda que o conjunto seja monótono no respeitante às janelas, sempre triangulares, algumas decorações mais ou menos profusa e ostensivamente aplicadas denotam um certo *horror vacui*, como Berrocal-Rangel reparou para as peças de Castrejón de Capote (1992, p. 108).

Não será propriamente a decoração que linearmente dirá se estamos perante recipientes com uso votivo ou, ao invés, com utilizações mais quotidianas. Os mecanismos de utilização destas peças só se entendem com as suas associações a outros materiais.

Descartáveis para este entendimento mas merecendo ilustração, já que ajudarão no estudo de peças similares de outros sítios e contextos, estão os fragmentos recolhidos à superfície (Figura 2: A – 1 a 4) ou em situação pós-deposicional – em níveis de aterro reportáveis aos inícios da fase de ocupação romana republicana de alguns espaços domésticos dos sectores A1 e A3 (Figura 2: B – 5 e 6), B2 e B3 (Figura 2: C – 8 e 10), no derrube da linha exterior de muralha no talude ocidental da Plataforma B ou em níveis de utilização de uma das ruas da mesma mesa (Figura 2: C – 7 e 11).

Um contexto, porém, dá conta da perduração da utilização dos queimadores nos inícios da ocupação de época romana, algures na 2ª metade do século II a.C., com um exemplar com sinais de fogo identificado no momento da criação do Ambiente XXX do Sector B3, um espaço situado a Oeste da Rua 2, no chamado 2º Quarteirão. Integra o depósito fundacional supracitado e já alvo de publicação (Estrela, 2013), ainda que num espaço mais amplo do que então se supunha (Figura 2: C – 9). Ali se revelam sinais de gestos rituais e de um universo feminino que cedem lugar aos trabalhos masculinos, e numa esfera intimista, num aposento subalterno do urbanismo do povoado romanizado.

Os dados da ocupação da Idade do Ferro, presentes em dois sectores das duas plataformas do sítio, permitem apreender a funcionalidade destas peças singulares e dos respectivos espaços, ainda que em contextos e graus de preservação distintos.

Os queimadores presentes na plataforma A reportam-se a contextos de abandono presentes em dois extremos da área a Sul do chamado Complexo de Construções do Século I a.C. do Sector A1, no Am-

biente XIII (a Este) e no que convencionarei chamar como Ambiente XV (a Oeste), e em estratos cuja cronologia pode ser remetida para um intervalo situado entre os finais do século III a.C. e a 1ª metade do século II a.C. (Figura 3), ou seja, já na fase terminal do povoado fortificado da Idade do Ferro.

Os três queimadores presentes nestes estratos (Figura 3: 1, nº 1131; 2 – nº 1069 e 3 – nº 1038) convivem com dois cossoiros – um deles decorado (Figura 3: nº 3937 e 1 – nº 3938), com tigelas e pequenos potes manuais, por vezes decorados com incisões e com aplicações plásticas mamilares (Figura 3: 2 – nº 1077; 3 – nºs 1037 e 3965), com pratos de peixe pintados de produção regional (Figura 3:3 – nº 3956), com potes médios e pequenos pintados, produzidos na área da actual Andaluzia (Figura 3: 2 – nºs 541 e 1229), com grandes contentores de armazenamento a torno e de produção local/regional (Figura 3:1 – nº 551), com recipientes “estampilhados” dos Grupos I e II de Fabião (Figura 3: 1 – nºs 4025 e 4024; 2 – nº 939; 3 – nºs 760, 1004 e 755), com duas ânforas gaditanas T-8.2.1.1 (Figura 3:1 – nº 15; 3 – nº 36). No Ambiente XV, o estrato mais recente revelava, em clara posição secundária, um fragmento de fundo de uma taça Cástulo (Figura 3, nº 3922). A maioria dos materiais elencados está ilustrada como amostra de origens ou formas representadas. Apenas os cossoiros, os queimadores, as ânforas ou a taça Cástulo surgem nas quantidades representadas na figura.

Todos eles falam de uma ocupação mais antiga que a cronologia contextual obtida, remetendo para um âmbito ritual do qual o que chegou ao registo arqueológico se resume à fragmentação das peças e à afectação substancial destes estratos feita pela estratigrafia sobrejacente e com a destruição de 1986.

Ainda assim, é possível equacionar, por um lado, alguma separação física entre os contextos das duas áreas do Sector A1 onde se identificaram os queimadores, facto que apontará para diferentes âmbitos espaciais coevos ou, em alternativa, em diferentes momentos. Por outro lado, parece ser possível ponderar que os contextos respectivos de utilização daquelas peças se reportarão a uma cronologia centrada no século III a.C.

Na plataforma B foram identificados queimadores em dois episódios de utilização sequenciados do Ambiente X, um espaço adossado às linhas fortificadas situado no extremo Noroeste do Sector B2. O acesso a este compartimento fazia-se desde Este. Os queimadores do momento mais antigo identifi-

cam-se num piso cujo acesso se faz pelo topo de um muro que perde o estatuto de divisor, apoiado no interior por um degrau/soleira. Sobre aquele muro é construído um outro cujo topo irá também servir como soleira/degrau, desta feita associado ao piso mais recente (Figura 4).

A cerâmica aqui recolhida, inscrita essencialmente num círculo de produção local/regional, define uma cronologia do século III a.C., talvez centrada nos seus meados. A sequência estratigráfica é relativamente longa, iniciada em meados do século IV a.C. e exclusivamente pautada por momentos de utilização. O facto de os queimadores ocorrerem praticamente nos estratos superiores desta ocupação, separando-se da ocupação de época romana por apenas um estrato de utilização, configura e valoriza a datação proposta. Os recipientes mostram-se melhor conservados, comparativamente aos dos níveis de abandono do Sector A1 supracitados, ainda que, mais uma vez, longe das situações de peças bem preservadas de Capote ou Garvão.

Numa descrição inversa à ordem de deposição estratigráfica, e apenas parcial por entre o relativamente vasto acervo material constante no Ambiente X de Mesas do Castelinho, temos o seguinte cenário: no piso mais recente, associado a duas lareiras construídas simplesmente com terra, dois queimadores convivem com cerâmica manual usada para armazenamento e consumo de alimentos – um pote manual, uma tigela com pega mamilar e fragmentos de recipientes decorados com matrizes impressas (Figura 4: 1 – n.ºs 4001, 4002, 4089, 4018, 4042 e 4043, respectivamente). Um destes recipientes, já do grupo II de Fabião, identifica-se também no aterro respectivo deste piso, associado a outros fragmentos do Grupo I, um cossoiro ou uma tampa manual. Este espólio convive com dois queimadores (Figura 4: 2 – n.ºs 4044, 4047, 3941, 4073, 3935 e 4003-433, respectivamente), um deles parcialmente recolhido no piso justaposto, relacionado com uma estrutura de apoio do tipo poial/banco construída no canto Noroeste do compartimento. Sobre este poial/banco foi identificado um cossoiro que se associava a outros dois cossoiros e a abundante cerâmica quebrada em conexão. Destaco aqui as produções manuais de recipientes de armazenagem – grandes contentores com decoração impressa ou com cordões plásticos decorados com incisões e com asas em ferradura, potes médios e pequenos com técnicas decorativas similares ou tigelas. Deste espólio manual merece

menção particular o pote médio de pé destacado e com um acabamento polido de muito boa qualidade, usado como contentor de líquidos e a curiosa e incomum peça decorada ostensivamente na superfície externa com incisões e cuja utilização é por agora de difícil interpretação (Figura 4:3 – n.ºs 3949, 3950, 4011, 425, 4010, 4021, 4093, 4081, 4432, respectivamente). As peças a torno reportam-se a usos no armazenamento e/ou na preparação de alimentos, com bacias ou potes/panelas (Figura 4: 3 – n.ºs 4091 e 4092).

Os dados falam de espaços cerimoniais em ambas as plataformas que poderão ter funcionado coevamente, o que remeterá para cerimónias de cariz mais familiar do que propriamente comunitário, o que se afigura como um dado relevante e interessante para os contextos com queimadores do Sudoeste peninsular. Ainda que, como já referido, os contextos do Sector A1 reportem a momentos de abandono, as ânforas de preparados de peixe e os grandes recipientes “estampilhados” são melhores indicadores de consumos recorrentes no tempo que a grupos alargados. Os queimadores encontrados descontextualizados em estratos da ocupação romana republicana deste sector e do Sector A3 desenham, juntamente com os identificados em contextos da Idade do Ferro, uma área relativamente circunscrita da plataforma e do povoado, o que se revela como mais um elemento a considerar para acentuar a importância espacial dada a este tipo de eventos. A presença aqui, de mais de metade da escassa cerâmica ática conhecida do sítio, maioritariamente descontextualizada, e a mesma representatividade das ânforas gaditanas, são outros sinais das características especiais e diferentes desta área.

Alguns em meados do século III a.C., os contextos de utilização do Sector B2 falam de cerimónias que terão existido até aos finais do mesmo século. Os restantes compartimentos deste sector são de uso familiar, ainda que com algum nível de vocação distinta, como, por exemplo, o verificado no Ambiente VII, localizado a Sul, onde existiram em diferentes momentos fornos metalúrgicos. A escassa presença de cerâmica de grande circulação, de que destaco aqui as ânforas – duas T-8.2.1.1. no piso preexistente ao Ambiente X e uma T-8.1.1.2 usada no transporte de azeite e recolhida no espaço contíguo a Este e coevo do Ambiente X, ajudam também a conformar uma área que é, por definição, residencial e familiar. Assim entendidos, os contextos enunciados distan-

ciam-se das leituras anteriores, que mostravam de forma algo circunscrita tarefas domésticas femininas de fiação, patentes nos cossoiros e onde os queimadores tinham funções essencialmente práticas, para afastar os odores das fibras têxteis ou como bases de preparação das mesmas (Estrela, 2010, vol. I, p.72; 2010-2011, p. 110; 2013, p. 674). Estas leituras não serão totalmente rejeitáveis e mesmo em contextos de reuniões culturais familiares farão algum sentido. Já procurar uma eventual distinção sexual de gestos nestas cerimónias é mais arriscado e difícil mas, ainda assim, há que apontar a provável transferência do uso e do significado dos cossoiros: associados a labores femininos em ambientes domésticos, poderão ter tido nestas reuniões e pelas mesmas mãos, outras utilizações, como ex-votos ou como meio de controlar ou contar oferendas. As mesmas mãos seriam as portadoras do fogo doméstico contido nos queimadores usados em partilhas de odores e libações.

Claro está, a arqueometria confirmaria ou infirmaria estas leituras, mas elas aqui ficam como hipóteses para caracterizar os contextos das peças singulares que são os queimadores. Os cossoiros do sítio mereceriam também uma análise mais aprofundada. Fica apresentado o desafio e o convite para o seu estudo.

6. JANELAS ARDENTES

Os queimadores do povoado rural de Mesas do Castelinho são parte importante do cerimonial de reuniões de cariz familiar, mais intimistas ou caseiras que o que revelam os dados de Cabeça de Vaiamonte, El Castrejón de Capote ou Garvão. Os contextos estratigráficos de Mesas do Castelinho falam de uma cronologia centrada no século III a.C., em contraponto parcial com os dados conhecidos para aqueles três outros sítios.

Mais que epifenómeno, a produção e utilização das peças singulares que são os queimadores reproduzirá crenças que nos escapam, ainda que sobre elas se possa equacionar a existência de relação entre este povoado rural e a natureza benfazeja, numa comunidade que procura afastar os temores dos temporais ou das secas, das más colheitas ou das fracas caçadas. Sobre o ritual, foge-nos a componente do cheiro mas podemos visualizar o efeito cénico das janelas ardentes, do fogo bruxuleante – numa aceção talvez não muito afastada da raiz do adjectivo usado.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ana Sofia Tamissa (2009) – *Um conjunto cerâmico da Azougada. Em torno da Idade do Ferro pós-orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. (O Arqueólogo Português; Suplemento 5).

ARRUDA, Ana Margarida (2016) – *À vol d’oiseau*. Pássaros, passarinhos e passarocos na Idade do Ferro do Sul de Portugal. In SOUSA, Ana Catarina; CARVALHO, António; VIEGAS, Catarina, eds. – *Terra e água. Escolher sementes, invocar a deusa. Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. (Estudos & Memórias; 9); pp. 403-423.

BARGÃO, Patrícia; SOARES, António Manuel Monge (2015) – Pisões 5: um sítio de fossas dos barros de Beja. In MEDINA ROSALES, Nieves, ed. – *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Aroche-Serpa, 29, 30 de noviembre, y 1 de diciembre de 2013*. Aroche: Ayuntamiento de Aroche. pp. 65-87.

BEIRÃO, Caetano de Mello; SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1985) – Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 3, pp. 45-136.

BELÉN (2011-2012) – Notas sobre religiosidad turdetana. Los depósitos sagrados del oppidum de Alhonor (Herrera, Sevilla). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 37-38, pp. 333-348.

BERROCAL RANGEL, Luis (1990) – Materiales cerámicos “a mano” de una necrópolis nertobriguense (El Cantamento de la Pepina, Badajoz). In BURILLO MOZOTA, Francisco, coord. – *II Simposio sobre los Celtiberos. Necrópolis celtibéricas*. Zaragoza: Institución Fernando El Católico. pp. 311-315.

BERROCAL-RANGEL, Luis (1989) – El asentamiento “céltico” de Castrejón de Capote (Higuera La Real, Badajoz). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 16, pp. 245-295.

BERROCAL-RANGEL, Luis (1992) – *Los pueblos célticos del Suroeste de la Península Ibérica*. Madrid: Editorial Complutense.

BERROCAL-RANGEL, Luis (1994a) – *El altar prerromano de Capote. Ensayo etno-arqueológico de un ritual céltico en el Suroeste peninsular*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.

BERROCAL-RANGEL, Luis (1994b) – El oppidum de Badajoz. Ocupaciones prehistóricas en La Alcazaba. Madrid. In ALMAGRO-GORBEA, Martín; MARTÍN BRAVO, Ana María, eds. – *Castros y oppida en Extremadura*. Madrid. (Complutum Extra; 4), pp. 143-187.

BERROCAL-RANGEL, Luis (2004) – Banquetes y rituales colectivos en el Suroeste peninsular. *Cuadernos de Prehis-*

- toria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid. Madrid. 30, pp. 105-119.
- CABANILLAS DE LA TORRE, Gadea (2013) – La céramique du sanctuaire celtique de Capote (Higuera la Real, Badajoz, Espagne). Les gestes du banquet à travers l'étude fonctionnelle de la vaisselle. In DENTI, Mario; TUFFREAU-LIBRE, Marie; VILLETE, Mathilde, eds. – *La céramique dans les contextes rituels. Fouiller et comprendre les gestes des Anciens: actes de la table ronde de rennes (16-17 juin 2010)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes. pp. 127-139.
- COSTA, Teresa (2010) – *O Castelo Velho de Safara (Moura): Elementos para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [http://hdl.handle.net/10451/4255].
- ESTEBAN ORTEGA, Julio (1993) – El poblado y la necrópolis de “La Coraja”, Aldeacentenera, Cáceres. *El proceso histórico de la Lusitania Oriental en época prerromana y romana*. Mérida. (Cuadernos emeritenses; 7), pp. 55-112.
- ESTRELA, Susana (2010) – Os Níveis Fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Os Contextos Arqueológicos na (Re) Construção do Povoado. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. 2 Vols. [http://hdl.handle.net/10451/3009].
- ESTRELA, Susana (2010-2011) – Mesas do Castelinho (Almodôvar): uma aldeia amuralhada na paisagem da Idade do Ferro do Baixo Alentejo. *Arqueologia & História*. Lisboa. 62-63, pp. 101-115.
- ESTRELA, Susana (2013) – Um depósito fundacional do século II a.C. em Mesas do Castelinho (Almodôvar). Uma análise preliminar. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, coord.- *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 671-679.
- ESTRELA, Susana; COSTA, Marco; PORFÍRIO, Eduardo; SERRA, Miguel (2012) – Malhada de Biterres 2 (Mombeja, Beja): um forno da Idade do Ferro nos alvares da romanização. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Almodôvar, 18 a 20 de Novembro de 2010*. Almodôvar: Câmara Municipal de Almodôvar. pp. 347-369.
- FABIÃO, Carlos (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do Território hoje Português*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 Vols. [Policopiado].
- GOMES, Francisco Bentes (2012) – *Aspectos do sagrado na colonização fenícia. Contextos de culto de influência oriental na Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-III a.n.e.)*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Cadernos da UNIARQ; 8).
- SILVA, Armando Coelho da; GOMES, Mário Varela (1992) – *Proto-história de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- GOMES, Mário Varela (2001) – Divindades e santuários púnicos, ou de influência púnica, no Sul de Portugal. *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional realizado na Universidade Aberta, Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000*. Lisboa: Universidade Aberta. pp. 99-148.
- GONÇALVES, David; BARROS, Pedro; MELRO, Samuel (n.p.) – Os restos humanos cremados da necrópole do Monte da Atafona (Almodôvar). Resultados preliminares. *VIII Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves, 21-23 de Outubro de 2010*.
- GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos (2010) – Mesas do Castelinho (Almodôvar): um exemplo de urbanismo falhado no sul da Lusitânia. In GORGES, Jean-Gérard; NOGALES BARRATE, Trinidad, eds. – *VII Table Ronde Internationale sur la Lusitanie Romaine. Naissance da Lusitanie Romaine (Ier av. – Ier ap. J. C.)*. Toulouse, 8-9 novembre 2007. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano de Mérida. pp. 459-488.
- GRAELLS I FABREGAT, Raimon e SARDÀ SEUMA, Samuel (2007) – La cràtera de la tumba 184 de Agullana y otros soportes y pies calados de Cataluña y el Languedoc: aproximación al origen, uso y significado. *Rivista di archeologia*. Roma. 31, pp. 77-89.
- HERAS MORAL, Francisco Javier (2001) – Algunas consideraciones acerca de los materiales reciclados en las necrópolis prerromanas cacereñas. *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*. Pamplona. 9, pp. 175-196.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca e GALÁN DOMINGO, Eduardo (1996) – *La necrópolis de “El Mercadillo” (Botija, Cáceres)*. Mérida: Junta de Extremadura/Consejería de Cultura y Patrimonio. (Extremadura Arqueológica; VI).
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2015) – Tumbas de la II edad del Hierro de la necrópolis de El Jardal (Herrera del Duque, Badajoz). In MEDINA ROSALES, Nieves, ed. – *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Aroche-Serpa, 29, 30 de noviembre, y 1 de diciembre de 2013*. Aroche: Ayuntamiento de Aroche. pp. 377-404.
- MARTÍN BRAVO, Ana María (1999) – *Los orígenes de Lusitania: el I milenio a.C. en la Alta Extremadura*. Madrid: Real Academia de la Historia. (Bibliotheca Archaeologica Hispana; 2).
- MATALOTO, Rui (2010-2011) – Os senhores da terra: necrópoles e comunidade rurais do território alto alentejano nos sécs. VI-V a.C. *Arqueologia & História*. Lisboa. 62-63, pp. 77-100.
- PAVÓN SOLDEVILLA, Ignacio (1996) – El castro de “La Mesilla” (Alange, Badajoz): apuntes para la definición de la Segunda Edad del Hierro en el valle del Matachel. *Cuadernos de prehistoria y arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 23, pp. 124-163.
- PEREIRA, Teresa Rita (2013a) – Por um fio: tipologia e função do conjunto de cossoiros de Cabeça de Vaíamonte (Monforte/Portugal). In ARNAUD, José Morais; MARTINS,

- Andrea; NEVES, César, coord. – *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 681-691.
- PEREIRA, Teresa Rita (2013b) – As armas na romanização: o exemplo de Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Portugal). In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; BUSTAMANTE, Macarena; GARCÍA CABEZAS, Miriam, eds. – *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Villafranca de los Barros, 4-6 octubre de 2012*. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento de Villafranca de los Barros. pp. 1327-1360.
- PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio (1993) – Poblados de la Edad del Hierro en la Sierra de Huelva. Orígenes e influencias en la formación de la *Baeturia*. *Iº Congreso de Arqueología Peninsular*. Porto. (Trabalhos de Antropologia e Etnologia; 33: 3-4), pp. 393-406.
- PINTO, Inês Vaz; SCHMITT, Anne (2010) – Cerâmica comum. In ALARCÃO, Jorge de; CARVALHO, Pedro; GONÇALVES, Ana, coord. – *Castelo da Lousa: intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano. (Studia Lusitana; 5), pp. 219-443.
- PONTE, Teresa Ricou Nunes da (2012) – *Em torno às ocupações antigas de Garvão*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 Vols. [1º Vol disponível em <http://hdl.handle.net/10216/66446>].
- RIBEIRO, Eduardo Cação; FERREIRA, Octávio da (1971) – Acerca dos vasos com “janelas triangulares” do Castro do Cerro Furado (Guadiana). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81: 3-4, pp. 255-259.
- RIVERO DE LA HIGUERA, María Cleofé (1974) – Algunas cerámicas ibéricas decoradas del «Castro Plaza del Tercio» (Torrecillas de la Tiesa, Cáceres). *Zephyrus*. Salamanca. 25; pp. 351-377.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, Alfonso, coord. (1991) – *La Ermita de Belén (Zafra, Badajoz). Campaña 1987*. Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso; BERROCAL RANGEL, Luis (1988) – Materiales cerámicos de la Segunda Edad del Hierro del Cantamento de la Pepina (Fregenal de la Sierra, Badajoz). *Cuadernos de prehistoria y arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 15, pp. 215-252.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso; PAVÓN SOLDEVILLA, Ignacio (1999) – *El poblado protohistórico de Aliseda (Cáceres). Campaña de urgencia de 1995*. Aliseda: Ayuntamiento de Aliseda.
- SANABRIA MURILLO, Diego; SÁNCHEZ HIDALGO, Fernando; MENÉNDEZ MENÉNDEZ, Andrea; GIBELLO BRAVO, Victor (2013) – Nuevos datos para el conocimiento de la Segunda Edad del Hierro en la Betúria Túrdule. El yacimiento de El Espadañar (Quintana de la Serena, Badajoz). In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; BUSTAMANTE, Macarena; GARCÍA CABEZAS, Miriam, eds. – *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Villafranca de los Barros, 4-6 octubre de 2012*. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento de Villafranca de los Barros. pp. 1245-1273.
- SOARES, António Manuel Monge; BRAGA; José Rodrigues (1986) – Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no Castelo de Serpa. *I Encontro de Arqueologia da Região de Beja, Beja, 17-19 Janeiro de 1986*. Beja. (Arquivo de Beja, II Série, 3), pp. 167-198.
- SOARES, Rui (2012) – *O Cabeço Redondo. Um edifício da Idade do Ferro pós-orientalizante na Herdade do Metum (Moura)*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [<http://hdl.handle.net/10451/7919>].
- WATTENBERG, Federico (1963) – *Las cerámicas indígenas de Numancia*. Madrid: Universidad de Madrid/Valladolid: Diputación Provincial de Valladolid. (Bibliotheca Praehistorica Hispana; 4).

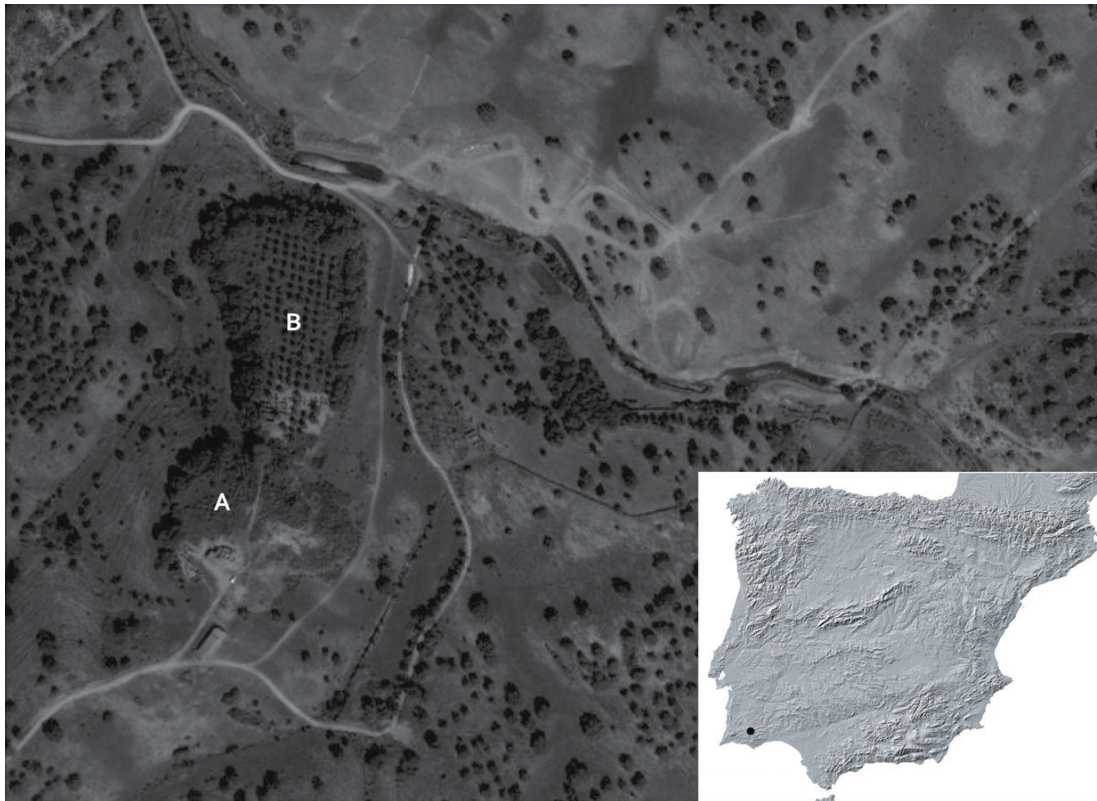


Figura 1 – Mesas do Castelinho (foto aérea – fonte *Google Earth*, modificado) e sua localização na Península Ibérica.

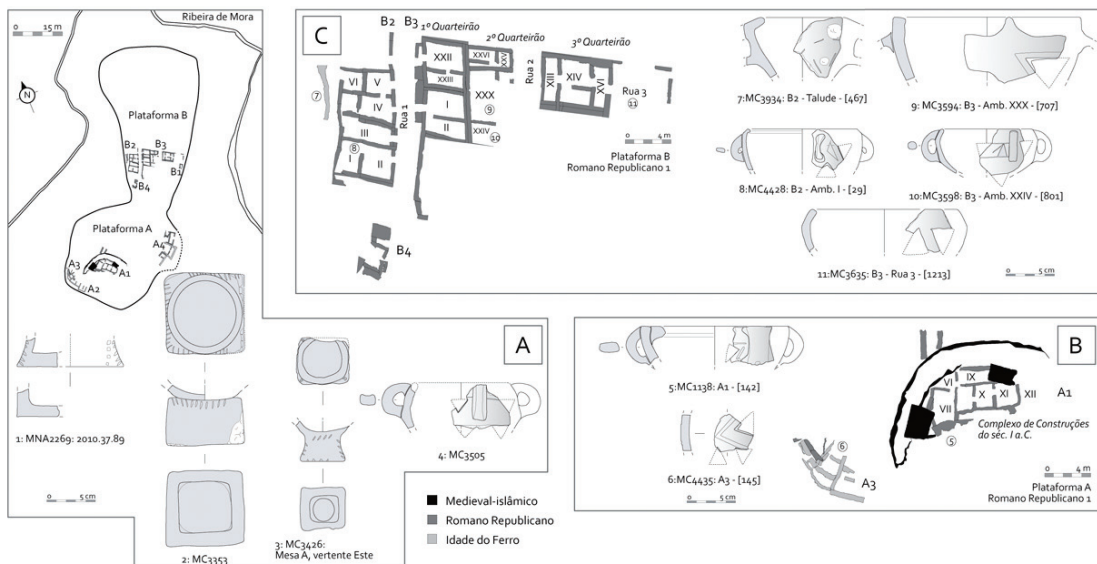


Figura 2 – Queimadores identificados fora de contexto (A) e em contextos de época romana republicana nas duas plataformas de Mesas do Castelinho (B e C).

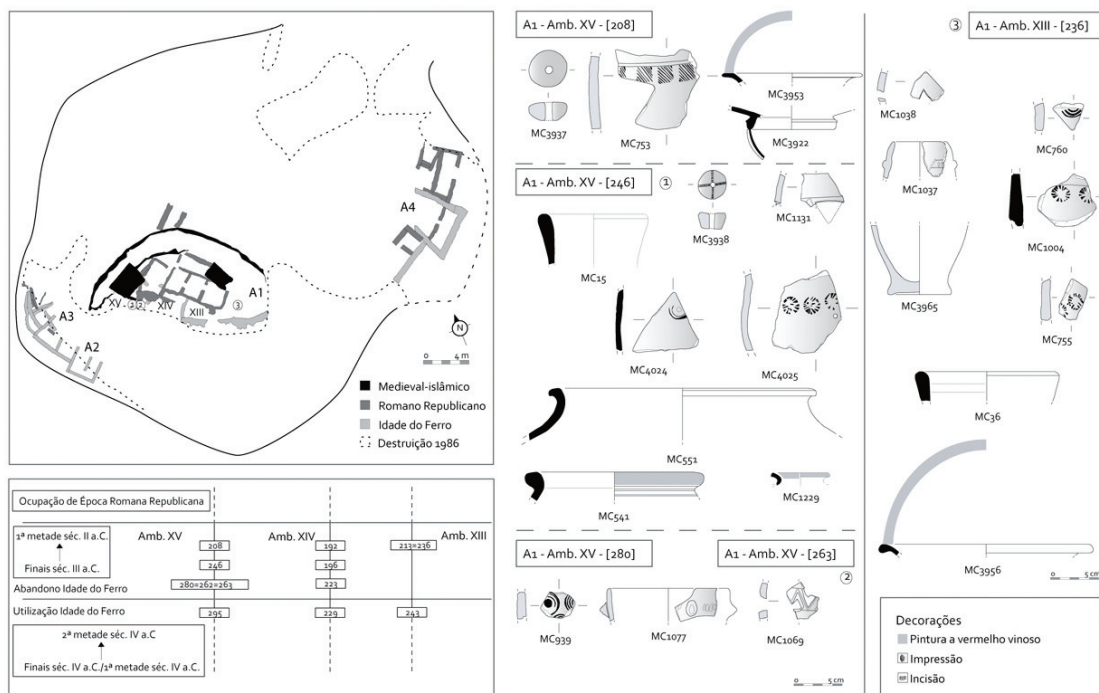


Figura 3 – Queimadores e demais espólio associado no Sector A1.

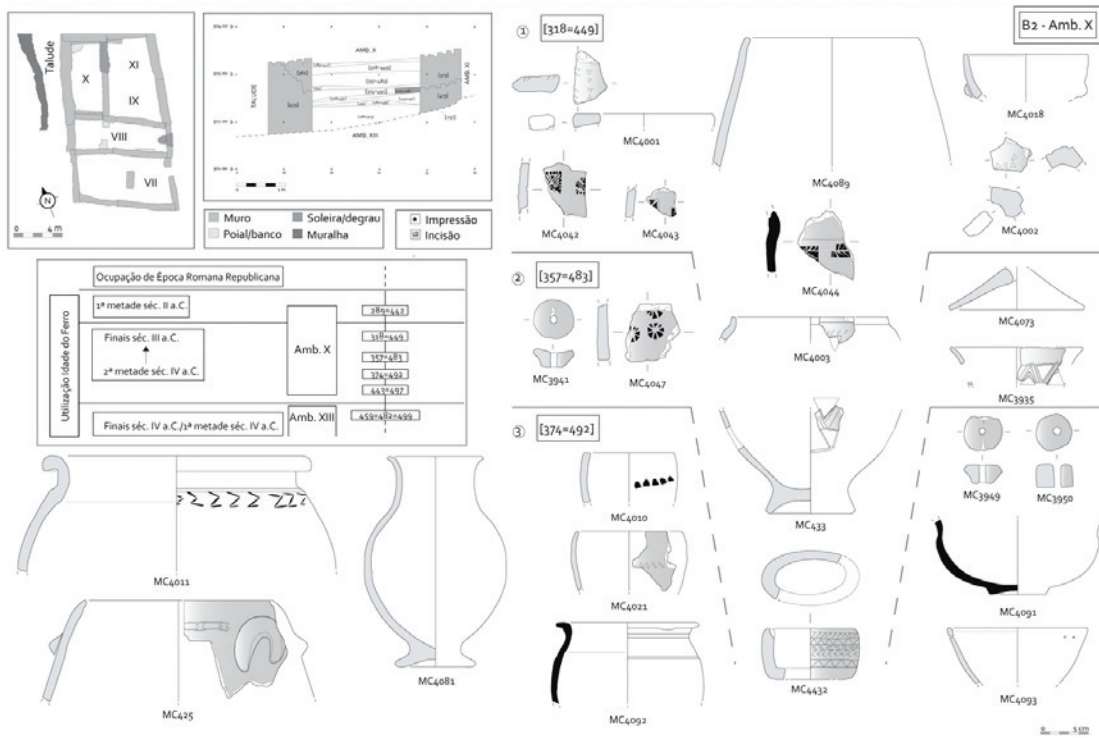


Figura 4 – Queimadores e demais espólio associado no Sector B2.



Patrocinador oficial